

economia

Após maior baixa desde 2024, dólar deve se acomodar

Cenário-base prevê faixa entre R\$ 5,20 e R\$ 5,40 nos próximos meses, apontam especialistas do mercado financeiro

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Após dias de euforia no mercado financeiro brasileiro, o dólar comercial iniciou a última semana cotado a R\$ 5,188 - o menor patamar desde maio de 2024. Embora tenha voltado a subir nos dias seguintes, e ontem acumulado leve alta de 0,20%, a moeda ainda acumula queda superior a 4% em 2026 e registra a sequência mais intensa de recuos desde o início do segundo governo de Donald Trump.

Para se ter ideia, naquele mesmo pregão, o Ibovespa havia superado os 186 mil pontos e renovado, mais uma vez, sua máxima histórica, a 11ª consecutiva. Já nesta quarta-feira, o dólar encerrou a sessão negociado a R\$ 5,240.

Esse movimento de queda em 2026, porém, não é isolado: no exterior, o dólar também perde força. O índice DXY, que mede a moeda norte-americana frente a uma cesta de divisas fortes, vem cedendo desde o fim de 2025, num ambiente marcado por expectativas de cortes de juros pelo Federal Reserve, inflação mais comportada nos Estados Unidos e incertezas políticas internas no país.

Mas, no caso brasileiro, a valorização do real tem intensidade acima da média global, e há razões específicas para isso. Para Alexandre Pletes, head de renda variável e sócio da Faz Capital, o fator predominante é externo.

“A queda recente do dólar é explicada principalmente pelo forte fluxo estrangeiro para o Brasil.

O principal motor é a operação de diferencial de juros, o chamado carry trade”, afirma. A lógica é simples: investidores captam recursos em países com juros baixos e aplicam em economias que oferecem rendimento maior. Com o juro real brasileiro ainda elevado, o Brasil voltou ao radar global.

“Esse movimento já vinha ocorrendo por causa do diferencial de juros, mas foi intensificado pela valorização da B3, que estava em patamares muito atrativos. Somente em janeiro, o fluxo para a Bolsa superou o volume de todo o ano anterior - e segue forte em fevereiro”, diz.

Há também fatores domésticos que ajudam a sustentar o cenário, como controle inflacionário e melhora consistente nos dados de emprego. Ainda assim, segundo Pletes, o fluxo externo é hoje o componente decisivo.

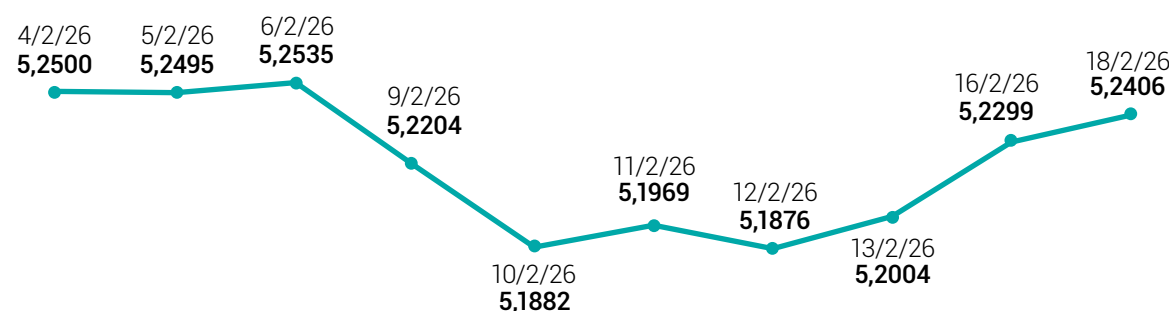
O professor de economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), Mauricio Weiss, acrescenta outro elemento ao diagnóstico. Para ele, o movimento atual também corrige distorções do fim de 2024.

“Houve um ataque especulativo contra o real naquele período, após falas do então presidente do Banco Central sobre risco fiscal. Isso gerou turbulência. Mas o País manteve boas condições macroeconômicas e juros altos, o que atraiu capital e obrigou até agentes internos a rever



Apesar de fechar abaixo de R\$ 5,25 ontem, moeda tem recuo no ano de 4,53% e fluxo externo intenso

Cotação de fechamento do dólar nos últimos 10 pregões (em R\$)



posições”, explica.

No cenário internacional, Weiss observa que o dólar vem se enfraquecendo de forma mais ampla. “O real está entre as moe-

das que mais se valorizaram em 2025 e início de 2026, mas o movimento global de enfraquecimento do dólar também pesa”, afirma. A expectativa de cor-

tes de juros nos Estados Unidos e a busca por diversificação por parte dos investidores ajudam a deslocar capital para mercados emergentes.

Movimento de recuo intenso deve ser substituído por um cenário de relativa estabilidade

A pergunta central, agora, é se o movimento tem fôlego para continuar. Pletes avalia que o fluxo atual tem caráter mais estrutural do que meramente especulativo.

“O investidor estrangeiro passou a enxergar um cenário macroeconômico mais favorável e aumentou exposição. Claro que há componente especulativo, principalmente na Bolsa. Mas os fundamentos têm sustentado um fluxo consistente”, contextualiza.

Ele pondera, no entanto, que o Brasil raramente opera no câmbio “justo” apenas por fundamentos. “Matematicamente, o dólar justo estaria próximo de R\$

4,60. Mas o prêmio de risco, especialmente fiscal e institucional, altera essa conta”, afirma. Endividamento elevado, relação dívida/PIB próxima de 90% (considerando títulos do Banco Central) e incertezas fiscais recorrentes mantêm cautela no radar.

Por isso, a projeção-base da Faz Capital é de estabilização, e não de continuidade de queda acentuada. “Vejo maior probabilidade de o dólar operar entre R\$ 5,20 e R\$ 5,40. A chance de ficar abaixo de R\$ 5,00 de forma consistente é menor”, diz. Num cenário mais otimista, a moeda poderia oscilar entre R\$ 5,10 e R\$ 5,20.

Weiss tem avaliação semelhante. Embora considere o movimento sustentável no curto prazo, ele não vê espaço para uma valorização excessiva do real. “Espero que não caia para abaixo de R\$ 5, porque prejudicaria a competitividade das empresas brasileiras. Na faixa de R\$ 5,20 ainda é um nível saudável”.

Os riscos, segundo ambos, passam sobretudo pelo campo fiscal e político. Deterioração das contas públicas, inflação acima da meta, interrupção no processo de queda dos juros ou aumento da percepção de risco institucional podem reverter rapidamente o fluxo. Mudanças bruscas na po-

lítica americana ou tensões eleitorais internas também entram na lista de incertezas para os próximos seis a 12 meses.

Enquanto isso, o câmbio mais baixo já produz efeitos concretos na economia. Para Weiss, o impacto sobre a inflação é duplo: barateia bens de consumo importados e também insumos e bens de capital, abrindo espaço para cortes adicionais de juros. No comércio exterior, facilita a importação de investimentos produtivos, embora uma apreciação excessiva prejudique exportadores.

No campo dos investimentos, a queda do dólar muda estratégias. “Com a moeda mais baixa,

ficou mais barato fazer diversificação geográfica e proteção cambial”, comenta Pletes. Hoje, diz ele, plataformas permitem abertura de conta internacional com facilidade, viabilizando aplicação em títulos soberanos dos Estados Unidos e ativos globais.

“Mais do que buscar rentabilidade em dólar, trata-se de proteção patrimonial em moeda forte”, resume. Ele ainda usa uma analogia: “Onde no mundo você consegue usar real? E onde você consegue usar dólar? O dólar é aceito globalmente. A diversificação cambial não é apenas estratégia de retorno, é proteção contra riscos domésticos e fiscais”, finaliza.